



ANÁLISE ESTILÍSTICA DO POEMA “[SÁBIO É O QUE SE CONTENTA]”, DE RICARDO REIS

Fernando Araujo SILVA (G-UFGA)
Sandra Maria JOB (UFGA)

Resumo

O presente texto tem como objetivo discorrer sobre Ricardo Reis, procurando traçar seu perfil e analisar semanticamente um poema do mesmo. Para isso primeiramente falaremos do Modernismo, a corrente literária da qual faz parte esse heterônimo de Fernando Pessoa. Para desenvolvimento desse trabalho foi feito uma pesquisa de cunho bibliográfico que contou com os estudos de Moises (2008), Moisés (2007) e Pinto (2004).

Palavras-chave: Modernismo. Poema. Ricardo Reis.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem como objetivo discorrer sobre Ricardo Reis, procurando traçar seu perfil e analisar semanticamente um poema do mesmo. Para isso primeiramente falaremos do Modernismo, a corrente literária da qual faz parte esse heterônimo de Fernando Pessoa. Para desenvolvimento desse trabalho foi feito uma pesquisa de cunho bibliográfico que contou com os estudos de Moises (2008), Moisés (2007) e Pinto (2004).

MODERNISMO: A IDEOLOGIA DO NOVO COMO VALOR ÉTICO E ESTÉTICO

É sabido que várias correntes literárias têm surgido ao longo da história. Escolas como Arcadismo e Romantismo, por exemplo. Elas contribuíram para a literatura em muitos aspectos, mas para desenvolvimento da proposta desse texto nos atentaremos à corrente literária modernista.

Nesse sentido, segundo Pinto (2004 p. 5), o “Modernismo português foi um movimento artístico literário que se desenvolveu na última década séc. XIX e na primeira metade do XX, e surgiu fazendo oposição ao tradicional ou clássico”. Ainda de acordo com Pinto (2004), suas principais características estão relacionadas ao progresso da aceleração das inovações e experiências conduzidas pelo movimento da vanguarda, em função da ideologia do novo como valor ético e estético, da autonomia da arte e da recusa da realidade como modelo para essa última. Em outras palavras, o Modernismo buscava por uma arte nova, diferente, livre – para que pudesse ser nova.

Em se tratando da literatura em Portugal, em específico, Moises (2008, p. 110) afirma que “o

SILVA, Fernando Araujo; JOB, Sandra Maria. Análise estilística do poema “[Sábio é o que se contenta]”, de Ricardo Reis. In: . ANAIS do IV Colóquio de Letras, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFGA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: 2358-1131



Modernismo em Portugal tem início oficial no ano de 1915, quando um grupo de escritores e artistas plásticos, (Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Luís de Montalvor, Almada Negreiros, o brasileiro Ronald de Carvalho e Fernando Pessoa) lança o primeiro número da *Orpheu*¹, revista trimestral de literatura”.

Ainda em relação ao Modernismo, esse movimento literário teve várias vertentes. Sobre isso Pinto (2004, p. 5) aborda que, do ponto de vista literário,

o Modernismo apresenta várias correntes ou subcorrentes, de inspiração ideológica profundamente divergente: do Saudosismo² e Decadentismo³ ao Futurismo⁴, ao Paulismo⁵ e ao Interseccionismo⁶, passando pelo Simbolismo⁷ e Existencialismo⁸. Razão pela qual é comum afirmar, ainda de acordo com ele, que o Modernismo é uma corrente com muitos “ismos”.

Ainda sobre isso, Moises (2008) ressalta que os jovens participantes desse período, também conhecidos como Orfistas, foram influenciados pelo Futurismo de Marinetti, pelos ensinamentos de Martin Heidegger, que colocava a existência individual como determinação do próprio indivíduo e não como uma determinação social. Fernando Pessoa é um dos principais representante desse movimento literário Modernista.

Em relação a Fernando Pessoa, de acordo com Pinto (2004, p. 10),

Fernando Antonio Nogueira Pessoa, filho natural de Joaquim de Seabra Pessoa e Maria Madalena Pinheiro Nogueira, nasceu a 13 de junho de 1888, em Lisboa, e morreu a 30 de novembro de 1935 com uma cólica hepática na mesma cidade.

Sobre isso Moises (2008 p. 110) reitera que “Fernando Pessoa perdeu o pai aos cinco anos de idade.

¹ Revista *Orpheu* foi criada para servir de porta voz e concretização dos ideais estéticos, em consonância com o que acontecia em relação a Europa com o movimento modernista (MOISES, 2008, p. 327).

² Movimento filosófico e literário português, de índole nacionalista, do primeiro quartel do séc. XX, cujos representantes, o grupo da renascença Portuguesa e a revista *Águia*, preconizam a defesa de uma alma portuguesa

³ Movimento estético e literário dos fins do séc. XIX e principio do séc. XX caracterizado pelo culto à forma e do estilo requintado e dos temas mórbidos extravagantes e pessimista, ligados à nostalgia do passado grandioso e à angústia dos tempos modernos. (PINTO, 2004, p. 5)

⁴ Movimento estético e literário lançado pelo poeta Marinetti, em Itália, em 1909, que faz a exaltação da velocidade, da força, da máquina, da originalidade, da vida moderna, rejeitando o passado e tudo quanto é tradicional.

⁵ Uma corrente literária criada por Fernando Pessoa de carácter antagónico, aquela que é formada pela Renascença Portuguesa (DOMINGUES, 2013, p. 120).

⁶ O conceito de Interseccionismo é de raiz geométrica evidente, sendo a sua referência directa o Cubismo (MARTINS, 1997, p.4).

⁷ Movimento literário e artístico que floresceu no último quartel do séc. XIX e no primeiro do século XX, cujos autores procuravam essencialmente sugerir, através do valor musical e simbólico das palavras, uma visão pessimista da vida, estados de alma abstraídos do contexto biográfico, revivendo o gosto romântico do vago, do nebuloso, do impalpável. (PINTO, 2004, p. 5)

SILVA, Fernando Araujo; JOB, Sandra Maria. Análise estilística do poema “[Sábio é o que se contenta]”, de Ricardo Reis. In: . *ANAIS do IV Colóquio de Letras*, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: 2358-1131



Em 1896, a família se transfere levada pelo segundo marido de sua mãe, para a cidade de Durban, na África do Sul. Lá, cursa o secundário, cedo revelando seu pendor para a literatura”.

Pinto (2004) ainda afirma que Pessoa era dotado de um grande domínio da língua, cultura e literatura anglo-saxónicas, devido sua escolaridade que fez na África do sul, onde viveu por algum tempo. Quando voltou a Portugal entrou para o curso superior de Letras e desempenhou funções, a partir de 1908, como correspondente comercial.

Na forma de escrever poesias, adotava várias personalidades conhecidas como heterônimos, de acordo com Moises (2008, p. 110),

Os heterônimos são concebidos como individualidades distintas da do autor, com biografia e horóscopo próprios. Traduzem a consciência da fragmentação do eu, reduzindo o eu “real” de Pessoa a um papel que não é maior que o de qualquer um dos seus heterônimos na existência literária do poeta.

Para Pinto (2004), o seu desenvolvimento poético concentra-se na problemática de uma consciência dividida, que procura as várias formas de ver e entender o mundo, como reflexão poética e filosófica. Dentre os vários heterônimos criados para expressar sua poesia, temos Ricardo Reis, sobre o qual falaremos no tópico abaixo.

RICARDO REIS: A FACE DE UM POETA

Ricardo Reis é um dos mais famosos heterônimos de Fernando Pessoa, junto com Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, de acordo com Moisés (2008). Ainda de acordo com Moisés,

Ricardo Reis nasceu no Porto, foi educado num colégio de jesuítas, ou seja, recebeu uma educação clássica (latina), formado em medicina nunca exerceu a profissão. Dedicou-se ao estudo do helenismo, isto é, o conjunto das idéias e costumes da Grécia antiga e adota Horácio como seu modelo literário. Sua formação clássica reflete-se em sua obra (nível formal, temas tratados) e na própria linguagem que utiliza, de um purismo exacerbado. (MOISES, 2008, p. 111)

Seu pensamento racional e o não desejo pelas coisas da vida são algumas das faces que pertencem a sua personalidade. Nesse sentido, Moises (2008) ressalta que uma de suas principais característica é de ser um pagão intelectual que tem a razão como a luz de seus pensamentos, um ser lúcido e consciente, limitava-se a viver o momento presente sem medo da morte, evitando o sofrimento

⁸ O existencialismo pode ser entendido como uma corrente filosófica (e literária) que defende a vivência e a consciência subjectiva na sua interioridade, em detrimento das metafísicas essencialistas associadas aos grandes sistemas conceptuais (RODRIGUES, 2009, p. 20)

SILVA, Fernando Araujo; JOB, Sandra Maria. Análise estilística do poema “[Sábio é o que se contenta]”, de Ricardo Reis. In: . **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: **2358-1131**



(*Carpe Diem*) e aceitando o caráter findável da vida. Para Pinto (2004, p. 11), “Ricardo Reis é monárquico e possui um teor filosófico nos seus versos, cortados em moldes clássicos”.

Para melhor conhecer o eu-poético de Ricardo Reis é necessário analisar seu trabalho, e e perceber dentro de seu poema as características que evidenciam seus pensamentos e a forma como ele percebe o mundo. Para desenvolver essa proposta iremos analisar o poema “[Sábio é o que se contenta]” no tópico seguinte.

SÁBIO, QUEM É ESSE SUJEITO?: UMA LEITURA EM [SÁBIO É O QUE SE CONTENTA]

[Sábio é o que se contenta]

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
E ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,
Para quem é tudo novo
E imarcescível⁹ sempre.

Coroem-no pâmpanos¹⁰, ou heras¹¹, ou rosas volúteis¹²,
Ele sabe que a vida
Passa por ele e tanto
Corta à flor como a ele
De Átropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,
Que o seu sabor orgíaco¹³
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes¹⁴.

Ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,
E apenas desejando

Em linhas breves, o poeta, no poema acima canta, nas três quintilhas e um dístico, o viver de

⁹ Imarcescível- que não perde o viço, inalterável, incorruptível. (MOISÉS, 2007, p. 62)

¹⁰ Pâmpanos- ramos novos da vreira, de onde se extrai a uva. (MOISÉS, 2007, p. 62)

¹¹ Heras- designação comum a várias espécies de trepadeira ornamentais. (MOISÉS, 2007, p.62)

¹² Volútei- inconstantes, voláteis, passageiras. (MOISÉS, 2007, p.62)

¹³ Orgíaco- relativo às orgias, festivais dedicados ao prazer, em honra de Dioniso, entre os gregos, ou de Baco ente os romanos. (MOISÉS, 2007, p. 62)

¹⁴ Bacantes- mitologia: sacerdotisas do culto a Baco, deus do vinho e dos prazeres. (MOISÉS, 2007, p. 62)



um sujeito que não se apega a nada, em específico, na vida. É, aparentemente, um *bon-vivant*¹⁵. Contudo, para melhor compreender o poema, seguem outras considerações que têm como proposta melhor entender como Ricardo Reis se expressou neste poema e, além disso, fazer uma leitura semântica do mesmo um pouco mais profunda.

Sendo assim, já no título do poema, “[Sábio é o que se contenta]”, o eu-poético deixa implícito que qualquer sujeito que se contenta (e aí, no título, ele não deixa claro com o que se contenta) é um sábio. Como o eu-poético não deixa claro, podemos completar o título com, por exemplo, sábio é o que se contenta em ser feliz; não se preocupa com o ontem, nem com o amanhã.

Mas, o eu-poético, ao longo das estrofes, deixa entrever quem pode ser esse “sábio”.

No primeiro verso, o eu-poético considera como sendo sábio a pessoa que “se contenta com o espetáculo do mundo”. Ou seja, sábio é aquele que não se incomoda com problemas externos, que assiste a tudo sem se deixar abalar, indiferente a tudo. E não se incomoda, pois, como o próprio eu-poético diz, “o espetáculo do mundo” leva-o a desacreditar na seriedade da vida, do mundo. É um show e como tal, deve-se contentar com tal espetáculo – que pode ser bom, às vezes, e, às vezes, não tão bom, mas como todo espetáculo, uma hora acaba/termina.

Ainda em relação a esse sujeito que é indiferente à vida externa, o eu-poético diz que ele

[...] ao beber nem recorda
Que já bebeu na vida,

Ou seja, não possui recordações, não se apega a lembranças, para ele a vida nada mais é do que uma passagem momentânea, não há necessidade de participar de algo tão efêmero por isso prefere assistir a distância. E ao não se lembrar, esquecer o ontem, o sujeito não faz por mal, aparentemente, é simplesmente a forma de ele viver a vida, sempre como algo novo, para ele, de acordo com o eu-poético, “é tudo novo”. Como se a cada dia ele nascesse de novo. E para tudo tivesse o sentimento de primeira vez (pensando que tudo que é vivido/experimentado pela primeira vez tem um sabor melhor e/ou mais forte – seja para as boas e/ou más experiências).

Ora, para o eu-poético, um sujeito que consegue viver e ver a vida assim merece aplausos, por isso ordena: “Coroem-no pâmpanos [...]”, como se ele, o sujeito sobre o qual o poeta canta, fosse um rei. Até parece que o eu-poético inveja esse sujeito que sabe “que a vida / Passa por ele e tanto / corta à

¹⁵ *Bon-vivant*: indivíduo bem-humorado, jovial, que valoriza os prazeres da vida e sabe gozá-los (Dicionário *on line*)

SILVA, Fernando Araujo; JOB, Sandra Maria. Análise estilística do poema “[Sábio é o que se contenta]”, de Ricardo Reis. In: . **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: 2358-1131



flor como a ele”, ou seja, não poupa ninguém: nem o que é frágil, belo inofensivo – uma flor –, que dirá esse sujeito que vive a vida intensa e egoisticamente, parece.

Contudo, ciente de que “a vida Passa [...]”, isto é, que a morte é certa, esse sujeito “sabe fazer que a cor do vinho esconda isso”. E na bebida dos deuses este sujeito esconde as possíveis dores da vida, como, por exemplo, o pensamento da efemeridade da vida. A bebida faz mais, ajuda o sujeito a apagar “o gosto às horas”, pois lhe entorpece os sentidos, fazendo-o perder a noção das horas, do passar do tempo, e, conseqüentemente, da proximidade da morte. Morte que parece ser o pensamento obsessivo do eu-poético.

Uma vez escondido atrás da bebida, ou seja, fora da vida real, vivendo em um mundo onde a utopia causada pelo vinho, ele (o sujeito) pode esperar “quase contente e bebedor tranquilo,” o que tiver que vir. Espera “quase contente”, primeiro porque, talvez, além da embriaguez habita um quê de lucidez que nenhuma bebida é capaz de sufocar. Ou, segundo, espera “quase contente”, porque aqui se expressa o eu-poético: lúcido, que sabe que da vida, do mundo não há lugar no mundo onde sujeito possa se esconder.

Tanto existe a lucidez citada (seja a do sujeito; seja a do eu-poético) que o eu-poético conclui (sobre o sujeito): “espera, contente quase [...], / E apenas desejando” – o quê? Isso o eu-poético não diz. Entretanto, é possível pensar que o sujeito que espera quase contente, deseja que a morte não chegue nunca; ou que chegue tão de manso e mansinho que a bebida nem o deixe perceber. Ou ainda, seja o eu-poético falando novamente e, na verdade, seja ele (eu-poético) desejando ser aquele sábio, que vive a vida como se não houvesse amanhã. Ou ainda desejando que não seja ele a sair da vida, assim, de repente.

O fato é que, nos versos do poema, de fato, vemos o poeta Ricardo Reis, isto é, um homem/poeta que, de acordo com Moisés (2008) é lúcido e consciente; um ser que vive o momento presente sem medo da morte (*Carpe Diem*) e que aceita o caráter findável da vida, ainda que fique (assim como o sujeito sobre o qual fala no poema) “apenas desejando”. Mas desejando o quê, Ricardo Reis?

A resposta, que pena, morreu no dia e ano da morte de Ricardo Reis!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

SILVA, Fernando Araujo; JOB, Sandra Maria. Análise estilística do poema “[Sábio é o que se contenta]”, de Ricardo Reis. In: . **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: **2358-1131**



Levando em consideração tudo aqui já dito, algumas conclusões foram emitidas. A primeira é que o movimento Modernista trouxe um novo pensamento, uma nova forma de ver o mundo e de se fazer poesia. Neste período grandes poetas como Fernando Pessoa surgiram criando uma literatura nova e diferenciada entre si.

Outra conclusão, não menos importante, foi a de que dentro dessa nova fase da literatura, um poeta com uma face única surgiu, e através da análise do poema intitulado [Sábio é o que se contenta] de Ricardo Reis que é um heterônimo de Fernando Pessoa, fomos capazes de conhecer um novo olhar a respeito da obra desse heterônimo e perceber algumas características que fazem parte do seu eu-poético.

REFERÊNCIA

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 35 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

MOISÉS, Carlos Felipe, **Conversa com Fernando Pessoa**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

PINTO, Pedro. **O Modernismo**. 1 edição. Alagoas. 2004

SILVA, Fernando Araujo; JOB, Sandra Maria. Análise estilística do poema “[Sábio é o que se contenta]”, de Ricardo Reis. In: . **ANAIS do IV Colóquio de Letras**, realizado nos dias 1, 2 e 3 de fev. de 2018, na UFPA, Campus Universitário do Marajó - Breves. ISSN: **2358-1131**